

# 1 Introdução

Em seu clássico *Humanismo Y Religiones en el Renacimiento*, Delio Cantimori nos mostra ser essencial para uma compreensão mais adequada da atmosfera ideológica que animou a Europa Ocidental nos séculos do Renascimento, a superação da dicotomia absoluta perpetrada pela historiografia tradicional, entre Humanismo e Reforma. Ele distingue em Burckhardt em sua obra *A Cultura do Renascimento na Itália*, os princípios de uma concepção que opõe Humanismo e Reforma, na identificação do primeiro como inaugurador da modernidade, por ser individualista, não teológico, e estimulador da criação artística e do conhecimento científico<sup>1</sup>. Essa concepção se robusteceu<sup>2</sup>, quando Ernst Troeltsch procurou provar que o espírito da Reforma representava uma continuação dos ideais medievais, por não se preocupar com a cultura secular, situando no primeiro plano da vida humana a religiosidade e o desejo de salvação. De todo modo, Cantimori aponta ainda a existência de uma outra tradição interpretativa, baseada na contradição dos dois movimentos. Esta, ele encontra em Ranke, que com sua *História da Alemanha na época da Reforma*, qualificou a Reforma, ao contrário, de impulsionadora fundamental dos tempos modernos, uma vez que, em nome dos valores de uma nova teologia, se apropriou da crítica humanista para a criação de novas bases morais para a vida social, num movimento de mudanças políticas muito mais profundo do que pretendiam as técnicas humanistas italianas defensoras da liberdade cívica<sup>3</sup>.

O que interessa aqui não é a discussão da solidez ou precariedade de tais correntes, mas sim a ênfase de que, não examinando as relações existentes entre movimento humanista e aspiração reformadora, elas perdem de vista a natureza do clima intelectual que dominou a Europa do século XV até os inícios do XVI. A

---

<sup>1</sup> CANTIMORI, D., *Humanismo y Religiones en el Renacimiento*, p. 270.

<sup>2</sup> Troeltsch procurou sustentar sua tese num estudo de 1906 intitulado “Die Bedeutung des Protestantismus für die Entstehung der Modernen Welt” publicado na *Historique Zeitschrift*. Huizinga, J., “*El Problema do Renacimiento*”, In: *El concepto de la Historia*, p. 131.

<sup>3</sup> CANTIMORI, D, op. cit., p. 270.

ambiência ideológica dos primeiros tempos da Renascença se definiu pela expansão de um único e amplo movimento de renovação, liderado pelos humanistas cristãos, no qual a renovação política e cultural fez-se inseparável da reforma religiosa. A amplitude e o otimismo que caracterizou este movimento de renovação baseou-se no privilégio concedido à experiência da dimensão subjetiva do homem. Humanismo e Reforma se desenvolveram como manifestações de um mesmo ideal de valorização do espírito humano, tanto do ponto de vista de seu poder de intervir e modificar a ordem do mundo como de transformar-se internamente se instaurando enquanto meio e espaço da união com Deus. Pode-se dizer assim, que a concepção romântica de Michelet, que em sua *História da França no século XVI*<sup>4</sup>, unificou Humanismo e Reforma sob a égide da emancipação do homem, de sua conscientização moral e de suas relações com o mundo, se concretizou num primeiro momento, que marca o espírito do Renascimento, e que perdurou ao menos até as primeiras décadas do século XVI. Como assinalou Joseph Lecler<sup>5</sup> em sua *Histoire de La Tolérance*, uma nova apologética do cristianismo triunfou então, e se expandiu num outro ideal de Reforma, humanista e católico, antes ainda de que se fizesse ouvir por toda a Europa Ocidental, os primeiros rumores da religiosidade de Lutero, de uma essência eminentemente anti-humanista, partindo de um pessimismo absoluto quanto à natureza humana e a crença no poder de sua ação para a ascensão de seu espírito.

O avanço do cisma luterano marcaria o esvaziamento gradual deste primeiro ideal de Reforma religiosa, contribuindo para a cisão entre Humanismo e Reforma, e de sua transformação em duas realidades distintas. Como afirma Cantimori<sup>6</sup>, esta cisão teria como alguns de seus marcos fundamentais, o Saque de Roma em 1527, e a realização do Concílio de Trento a partir de 1546, quando o clima ideológico europeu se definiria pelo esforço de reconquista por parte da Igreja Católica, se caracterizando pela disputa entre as ortodoxias romana e protestantes numa atmosfera que já nada tinha em comum com a confiança ilimitada dos humanistas nas capacidades humanas, na celebração de um ideal de liberdade centrado na valorização da experiência no mundo. Atentando, no entanto, para a origem comum dos dois movimentos, no

---

<sup>4</sup> HUIZINGA, J., op. cit., p. 115.

<sup>5</sup> LECLER, J., *Histoire de La Tolérance au siècle de la Réforme*, v. 1, p. 125.

<sup>6</sup> CANTIMORI, D., op. cit., p. 168.

impulso por um mergulho na dimensão espiritual do homem, a partir do resgate da palavra divina das Escrituras, purificada em sua linguagem pura, apreendemos seu significado profundo, na percepção da religiosidade viva que se fez presente no cerne do ideário humanista, e das conseqüências políticas e sociais que se originaram dos elementos teológicos mais abstratos da Reforma<sup>7</sup>, sem perder de vista o fundamento de sua cisão, ou seja, o confronto entre duas concepções distintas da natureza humana.

No primeiro capítulo deste trabalho, procuraremos delinear teoricamente o ideal humanista de emulação do homem, ressaltando suas peculiaridades nas relações e distanciamentos que estabeleceu com os valores medievais. Para isso abordaremos a filosofia de Nicolau de Cusa e o neoplatonismo florentino de Marsílio Ficino e Pico Della Mirandola. Com o exame do *Discurso sobre a Dignidade do Homem* de Pico pretendemos marcar a essência de um novo sentimento religioso caracterizado pela valorização do livre arbítrio humano em sua acepção mais ampla, transcendendo os limites da cristandade e centrando-se na figura de um homem universal independente da diversidade de crenças e culturas. O otimismo de Pico, tendo como um de seus pilares, o resgate da sabedoria da Antiguidade clássica, se define pela convicção de que o cultivo do espírito nas artes liberais, na ação criativa e na busca pelo conhecimento, possui um conteúdo religioso, ou seja, se faz enquanto realização mais alta da natureza humana e promove sua ascensão rumo à perfeição divina.

O *Discurso sobre a Dignidade do Homem* exercerá grande influência sobre o movimento humanista, informando a constituição de um novo tipo de homem e de um novo catolicismo, de caráter místico e espiritualista, que desdenha das instituições eclesiásticas, centrando-se na devoção e na interioridade, e enfim, na reforma moral do espírito humano. Ele será difundido por toda a Europa por Erasmo de Roterdã, na proposição de um ideal de Reforma religiosa que pretende agir dentro da tradição católica, rejeitando o espírito de sedição como fator de degeneração moral, e baseando-se na tolerância, na caridade e na compaixão, enquanto valores cristãos fundamentais. Este ideal de reforma será celebrado pela maior parte dos humanistas de então, tais como John Colet, Lefèvre D'Étaples, Tomas More e Juan Luis Vives,

---

<sup>7</sup> Ibid., p. 152.

que orientam a vida intelectual da Europa entre os séculos XV e XVI, e representam a consciência civil, cultural e política de seus países<sup>8</sup>. A religiosidade humanista se estabelece numa ampliação da herança clássica, a partir do novo entendimento que então se afirma da tradição cristã, no âmbito do qual, a busca da virtude possui um sentido religioso. Na perspectiva humanista, o verdadeiro cristão não é aquele que obedece à Igreja e cumpre os ritos e sacramentos, mas sim, o que opera racionalmente discernindo o bem do mal, e escolhendo conduzir-se no mundo de forma sábia, de acordo com as virtudes e com os ensinamentos cristãos. A afirmação deste ideário face à emergência da doutrina luterana, negadora do livre arbítrio, é o tema do segundo capítulo deste trabalho, que examina o pensamento de Erasmo e o *Essai sur le libre Arbitre*.

O princípio deste novo tipo de catolicismo que desdenha o cristianismo medieval, portanto, está na crença nas faculdades do espírito humano, no poder de sua razão em comportar-se no mundo de maneira reta, numa ética que faz do mundo o palco de sua ascensão a Deus. Para uma melhor compreensão deste ideário consideramos importante a análise de Thomas Greene<sup>9</sup> sobre a flexibilidade do *self* na renascença. Para Greene esta nova concepção do homem se distingue pela recusa dos valores medievais que postulavam uma inalterabilidade da natureza humana, tanto da perspectiva da tradição aristotélico-tomista, segundo a qual o *self* estava predeterminado por sua posição fixa na hierarquia dos elementos, quanto da perspectiva agostiniana, mais radical, que concebia o ser humano como marcado pela falta do pecado original e, portanto, como ser imperfeito, predestinado inevitavelmente à danação eterna. Como afirma Greene, no *Discurso* de Pico, ao contrário, a natureza humana se destaca justamente por ser capaz de superar qualquer condição dada, podendo moldar-se de acordo com sua própria vontade. O livre arbítrio é, portanto, sua essência, que partilha com a divindade. Nesta perspectiva a ação do homem na transformação constante de suas faculdades é o caminho que o leva à transcendência de si e à unidade com Deus.

---

<sup>8</sup> Ibid., p. 167.

<sup>9</sup> GREENE, T., *The Flexibility of the self in the Renaissance, In: The Disciplines of Criticism*.

Greene classifica esta espécie de concepção da liberdade do homem como de natureza vertical<sup>10</sup> pois valoriza a vida e a experiência imediata no mundo como ponto de partida de uma transformação espiritual que o leva à salvação. Ela estará presente, ainda que de formas diferenciadas, no pensamento da maior parte dos humanistas do século XVI e será reafirmada, como veremos, no *Essai sur le libre Arbitre* de Erasmo.

Nesta dissertação procuraremos resgatar, em sua essência, o sentido deste movimento de renovação dos primeiros tempos do Renascimento, definido pela celebração do espírito humano em sua capacidade de ascender ao divino, tendo como ponto de partida o exame do *Discurso sobre a Dignidade do Homem* de Pico Della Mirandola. Pretendemos em seguida situá-lo no momento em que é desafiado pela concepção luterana do homem decaído, na abordagem da discussão travada entre Erasmo e Lutero acerca do livre arbítrio, um dos principais marcos do conflito entre ideal humanista e aspiração reformadora. Para isso, fazemos uma breve análise dos textos *Essai sur le libre Arbitre* de Erasmo e *Du Serf Arbitre* de Lutero. Nos importa, com isso, o destaque do embate entre duas experiências radicalmente contrastantes de subjetividade, na aurora dos tempos modernos, que, conquanto se desenvolvam a partir de um único anseio pela renovação da vida civil e religiosa, apontam para soluções distintas quanto ao problema da salvação, do sentido da ação e da experiência no mundo, possuindo impactos diversos sobre o desenvolvimento do pensamento político e religioso dos séculos seguintes.

---

<sup>10</sup> Ibid., p. 241.